

Aula 00

Ciências Humanas para Redação - 2020

Autor:

Raphael de Oliveira Reis

14 de Janeiro de 2020

Sumário

Apresentação do Curso	2
Apresentação Pessoal	4
Alguns Depoimentos: em breve, o seu estará aqui ;)	5
1 Urbanização e Mobilidade Urbana	7
6. 1 Mobilidade Urbana	12
2 - A Filosofia de Gilles Lipovetsky aplicada à sociologia	14
Mapa Mental	16



APRESENTAÇÃO DO CURSO

Ei, pessoal! Tudo em paz?

Aqui é o Professor Raphael Reis. Estou muito feliz em estar com você ao longo de sua preparação para a prova discursiva. Não é pretensão, mas preparei o melhor material de macroestrutura do mundo, quiçá da galáxia, para contribuir com a sua aprovação ;)

O Curso de Ciências Humanas para Redação está na sua quarta versão e totalmente atualizado. Ele foi criado por mim, em 2017, numa ação totalmente inovadora - não havia no mercado nenhum curso que dava suporte aos alunos com dificuldades em desenvolver ideias, argumentos consistentes e bem fundamentados. Pasmem! As principais bancas cada vez mais avaliam a parte de conteúdo: um exemplo é a banca FCC que atribui 90% de seus pontos à macroestrutura e a banca Cespe, que 95% dos pontos da redação são de conteúdo.

Portanto, o objetivo do Curso de Ciências Humanas para redação 2020 é atender as necessidades de candidatos de Concursos Públicos que possuem dificuldades na parte de conteúdo, em desenvolver argumentos. Para isso, vou apresentar ao longo das aulas fundamentação teórica para a construção de argumentos, por meio da aplicação de conceitos e reflexões de pensadores das Ciências Humanas, ampliando assim o seu repertório sociocultural.

A metodologia do curso está estruturada nas videoaulas, nas quais vamos aprofundar conceitos e reflexões de pensadores renomados, bem como debater vários temas de interesse geral e atualidades. Além disso, no livro eletrônico, teremos o resumo da aula. Sim, é fundamental assistir as videoaulas para este curso. Para aproveitar o máximo este material, sugiro que o aluno faça mapas mentais ou resumos ao assistir cada videoaula.

Cronograma:

Data	Aula	Tema
14/01	00	Apresentação do Curso
	Demonstrativa	Tempos Hipermodernos, de Gilles Lipovetsky
		Urbanização e Mobilidade Urbana
21/01	01	Estrutura Argumentativa
		Estilo das principais bancas
28/01	02	Clássicos da Sociologia
		Filósofos Iluministas
04/02	03	Diretos Humanos e Cidadania
11/02	04	Cultura e Ideologia



18/02	05	A Sociologia de Pierre Bourdieu Desigualdades Sociais
25/02	06	Ética e Artes
10/03	07	A Filosofia de Habermas
17/03	08	O Mundo do Trabalho e suas Mudanças Trabalho escravo contemporâneo
24/03	09	A Filosofia de Nietzsche
31/03	10	Meios de comunicação e mundo virtual
07/4	11	Meio Ambiente
21/04	12	Análise de redações Diversas bancas Obs.: esta aula estará disponível somente no formato de videoaulas
28/04	13	Conflitos Migratórios
05/05	14	Violências Urbanas
12/05	15	Pensamento Social Brasileiro: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Jessé Souza.
19/05	16	Felicidade
26/05	17	Juventudes Valorização da vida
02/06	18	Terrorismo e a política do medo
09/06	19	Educação Ciência e Tecnologia
16/06	20	A Leitura no Brasil: é possível construir um país de leitores?
23/06	21	Discriminação e Desigualdades raciais: Brasil e E.U.A
07/07	22	A Sociologia de Zygmunt Bauman A Filosofia de Hartmut Rosa
14/07	23	Conceitos Coringas e suas respectivas aplicações
21/07	24	Aulas extras Obs.: somente em videoaulas



APRESENTAÇÃO PESSOAL

Meu nome é Raphael Reis. Sou graduado em História (UFJF), Especialista em Políticas Públicas e Gestão Social (UFJF), MBA em Organização de Campanha Eleitoral (UMINTER) e Mestre em Sociologia da Educação (UFJF).

Quanto à atividade de professor, leciono desde 2007 - na área de concursos públicos desde 2016. No mundo de concursos tenho destaque nacional nas provas discursivas da banca Fundação Carlos Chagas (FCC), considerada a prova de redação mais difícil do Brasil!

Sou o criador do curso de Ciências Humanas para Redação e autor do *e-book best-seller* "15 conceitos para mandar bem na redação da FCC". Atualmente, leciono cursos de História do Brasil, História Geral, Filosofia, Sociologia, Redação e Recursos para diversos concursos e bancas.

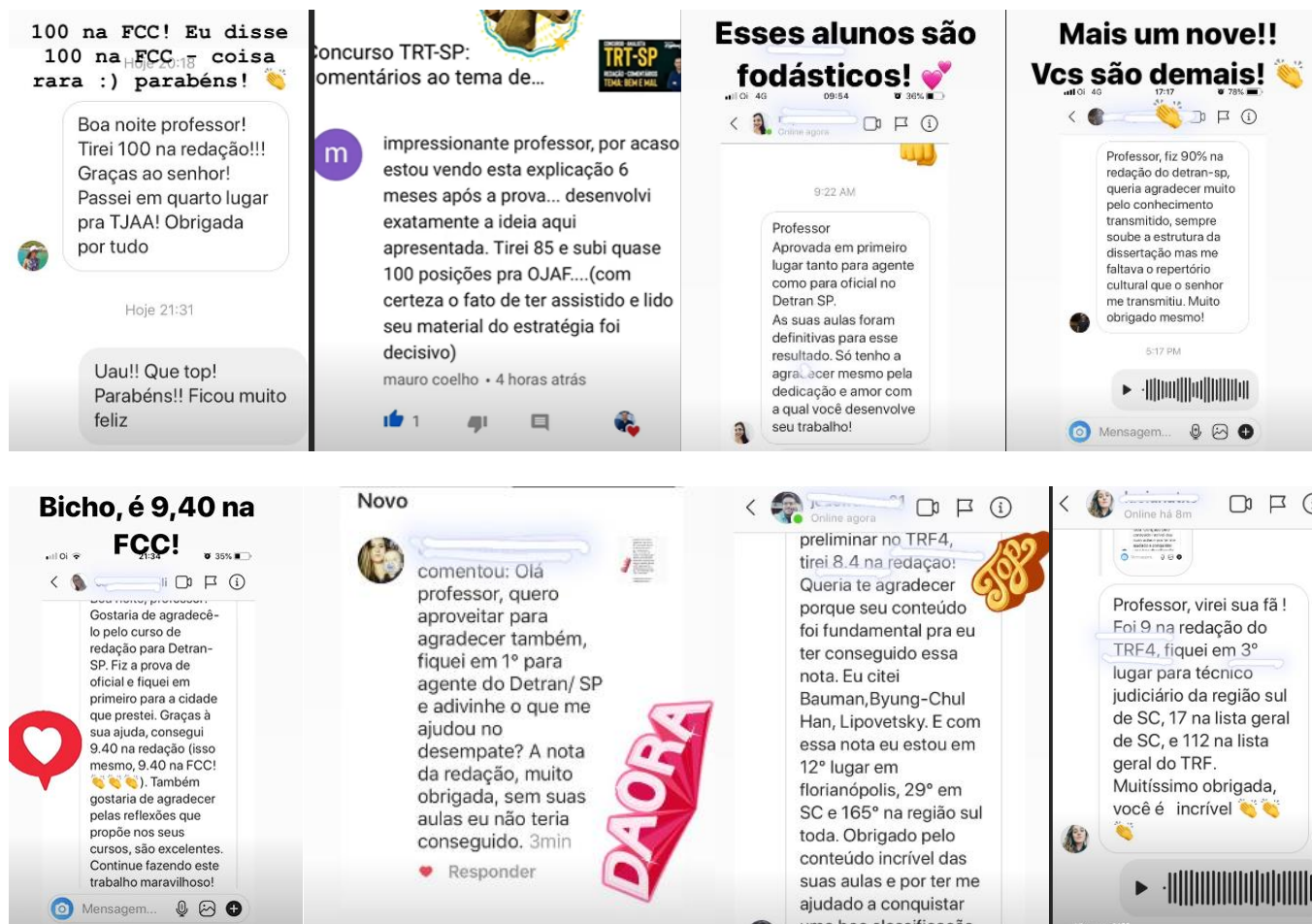
Como forma de transparência e profissionalismo, compartilho alguns dados de nosso trabalho referente ao ano de 2019:

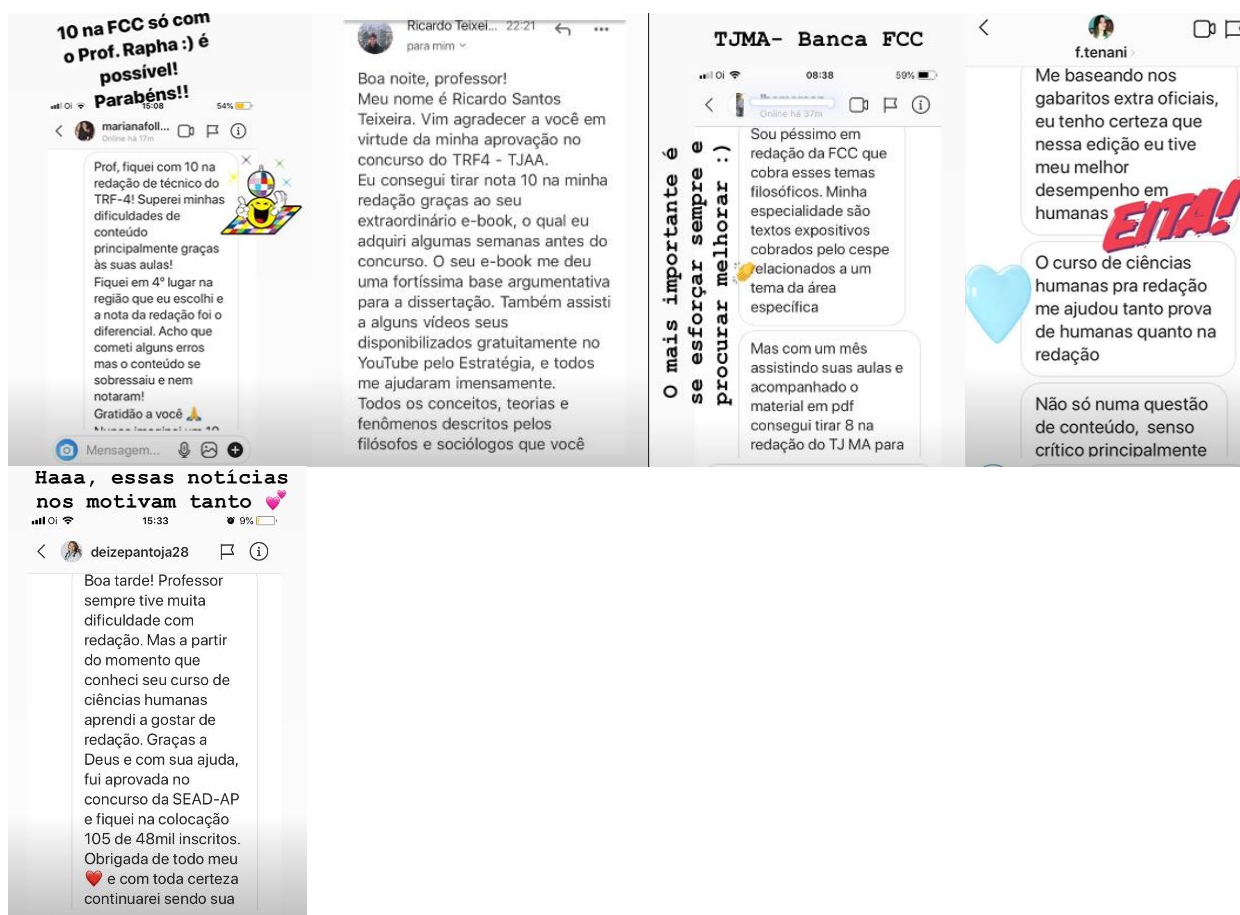
- acertei 11 temas consecutivos em revisão de véspera para a banca Fundação Carlos Chagas (FCC);
- 5 alunos com nota 10 na FCC e dezenas de alunos com notas acima de 8.5;
- 3 alunos tiraram nota máxima (20) no concurso do TJCE, organizado pela banca FGV;
- 2 alunos com notas próximas de 40 no concurso do TJPR, organizado pela banca Cespe;
- 1 aluna com nota máxima (100) no concurso da UFF, organizado pela banca Coseac;
- 2 alunos com nota 980 no ENEM (edição 2018) e diversas notas acima de 920.

Esses resultados são recorde! Inclusive, me renderam alguns apelidos carinhosos rsrs: "Mago da FCC", "Mr. Redação", "Mestre da Redação", "Rei da FCC". Porém, o que importa mesmo é que a partir dessas experiências é que montei este material único, para **oferecer o melhor conteúdo para você!** Realmente, espero que o material faça a diferença em sua preparação.



Alguns Depoimentos: em breve, o seu estará aqui ;)





Sigam-me os bons!

E-mail: profraphaelreis@gmail.com

Instagram: [@profraphaelreis](https://www.instagram.com/profraphaelreis)

YouTube: [Professor Raphael Reis](https://www.youtube.com/c/ProfessorRaphaelReis)

Lista de e-mail: [Clique AQUI](#)

Café Filosófico: todos os domingos, às 21h, no meu canal do YouTube.



1 URBANIZAÇÃO E MOBILIDADE URBANA

Os temas Urbanização e Mobilidade Urbana são complementares. Primeiro vamos analisar o processo de urbanização e depois vamos focar na mobilidade urbana. Ambos temas já apareceram em várias provas discursivas, portanto, todo o cuidado é pouco!

O filósofo **Aristóteles** conferia à cidade certo destaque em suas reflexões. Para ele, não era possível pensar o ser humano deslocado ou dissociado da ideia de cidade. Lembrando que para esse filósofo, **o ser humano é um animal político e social**. Isto é, vive em sociedade e estabelece relações entre si.

Em sua etimologia, cidade vem de *pólis* que está associada à ideia de política e cidadania. Ora, então já podemos estabelecer um pressuposto importante, qual seja: **há uma relação intrínseca entre políticas urbanas e cidadania e, por conseguinte, à qualidade de vida das pessoas.**



As palavras cidadania e qualidade de vida são palavras-chave que podem ser aplicadas em praticamente todas as redações e temas.

Diferente da época de Aristóteles, as cidades passaram a ter maior importância e preponderância a partir do século XVIII. Isso não é à toa. É justamente nesse século que temos a 1ª Revolução Industrial (a partir de 1750), que juntamente com a Revolução Francesa (1789-1799), vai dar forma àquilo que ficou cunhado como Idade Contemporânea.

A Revolução Industrial iniciada na Inglaterra produziu um primeiro efeito: uma migração da população camponesa para os centros urbanos que surgiam, em busca de empregos e melhores condições de vida.

De lá para cá, o processo de urbanização se intensificou em escala mundial – atualmente está num ritmo acelerado. Segundo dados da ONU (2015) já somos mais de 7,2 bilhões de habitantes e a maioria vive nas cidades.

Esse rápido crescimento tem colocado desafios na agenda política e são objetos de estudo de diversos especialistas.

A 3ª Conferência da ONU sobre "Moradia e Desenvolvimento Urbano Sustentável", realizada em 2015, preocupou-se em discutir como enfrentar as desigualdades sociais e a pobreza. Chegaram a 17 ações, cujos países signatários deveriam implementar nos próximos 20 anos.



Essas ações direcionam o debate para o **Direito à Cidade**.

Guarde isso!

A expressão DIREITO À CIDADE precisa aparecer na sua redação se o tema for urbanização ou mobilidade urbana!

Quando falamos em **direito à cidade**, isto quer dizer que é preciso pensar como garantir à população uma melhor qualidade de vida por meio da apropriação da riqueza gerada, dos bens e serviços produzidos, acesso aos bens patrimoniais e culturais. Essa preocupação advém do fato de que cada vez mais a sociedade está desigual nos aspectos econômicos, simbólicos e culturais. Poucas pessoas conseguem se apropriar desses direitos, o que leva a uma **segregação socioespacial** intensificada pelo aceleramento da urbanização.

O impacto da segregação socioespacial é visível, principalmente na vida daquelas pessoas da camada popular que habitam regiões periféricas na cidade. Precisam, por exemplo, fazer grandes deslocamentos para trabalhar e estudar, perdendo tempo considerável de seu dia. Ademais, há um aumento dos custos e piores condições na qualidade de vida.

A tendência é que muitas regiões fiquem sem equipamentos e serviços públicos essenciais como linhas de transporte coletivo, postos de saúde, escolas, creches, etc. que não conseguem crescer na mesma proporção da demanda. **Além disso, o acesso aos bens patrimoniais, turísticos e culturais da cidade ficam distantes dos bairros periféricos, o que fere o direito à cidade.**

Um caso emblemático são as políticas habitacionais como, por exemplo, o programa “Minha casa, Minha Vida”. É uma política pública, ao meu ver, muito importante que pretende diminuir o déficit habitacional, que é muito alto no Brasil (segundo dados recentes da Fundação João Pinheiro há um déficit de mais de 6 milhões de residências e cerca de 12 milhões de domicílios encontram-se inadequados para se viver no Brasil). Por outro lado, as construções do “Minha Casa, Minha Vida” são realizadas, geralmente, em bairros mais distantes do centro da cidade e não há um planejamento prévio dos municípios em ofertar às regiões que receberam ou recebem o programa mencionado. Assim, nessas regiões, a população carece de escolas e creches próximas à residência; muitas vezes não há postos de saúde, o que faz com que se recorra a outros bairros, congestionando a rede de atendimento; os horários das linhas do transporte coletivo são precários; e a segurança dos moradores se torna também uma problemática – muitos conjuntos habitacionais são invadidos e viraram pontos do tráfico de drogas.

Outros dois efeitos da **segregação socioespacial** são a **gentrificação** e a construção de **condomínios fechados**, que atendem à demanda de segurança da classe média tradicional e da elite econômica.

A **gentrificação** é um processo de valorização (especulação) imobiliária de uma região que leva à expulsão das famílias de renda mais baixa. Vou dar um exemplo concreto que aconteceu na minha cidade (Juiz de Fora/MG), mas que com certeza você vai identificar situação semelhante em outras cidades de médio e grande porte. Aqui temos um bairro chamado Dom Bosco. Ele possui uma população próxima a 18 mil



habitantes que é formada, em sua maioria, por pessoas negras, de baixa escolaridade e menor poder aquisitivo. A partir de 2005, a região passou por uma intensa especulação imobiliária, tendo como marco a instalação de um *shopping center* e a retirada de um dos espaços de lazer dos moradores (um campo de futebol de terra, que deu espaço a uma área verde que fica em frente ao *shopping*). Em seguida foram construídas outras obras: um hospital privado, prédios comerciais, hotéis, faculdade particular, etc. Isso fez com que os aluguéis e os produtos aumentassem, expulsando parte da população do bairro e fazendo com que outra parte literalmente subisse o morro, no que ficou conhecido como “chapadão”. Neste, não há redes de esgoto, não há coleta seletiva, muito menos transporte público.

Já os **condomínios fechados** têm sido a “vedete” das construtoras que realizam empreendimentos para a classe A. São formas de isolar determinado espaço do contato exterior “violento”, para garantir a segurança de seus moradores. É comum disponibilizarem dentro dos condomínios uma rede de serviços como segurança privada, academia de ginástica, espaço de lazer, ou seja, há uma intensificação da separação de classes sociais ou grupos sociais no espaço geográfico das cidades.

Desafios da Urbanização:

Econômicos	Ambientais	Sociais
Uma vez que há uma migração para os centros urbanos, a economia formal apresenta dificuldades para absorver a força de trabalho, o que faz com que pessoas pobres e de menos qualificação encontre na economia informal sua sobrevivência. Isso sem nenhuma garantia trabalhista ou proteção social.	A poluição, os constantes congestionamentos, a falta de saneamento básico são problemas dos países menos desenvolvidos economicamente; Como há uma alta taxa de migração interna, como acontece, por exemplo, no Brasil, de pessoas do Norte e Nordeste para o Sudeste, em busca de melhores condições de vida somado a outros fatores de exclusão, aumentam as áreas “subnormais”, isto é, o processo de “favelização”. São áreas sem regulamentação, sem planejamento habitacional e com ausência de serviços básicos: coleta de lixo, iluminação, saneamento básico, etc; Com o aceleramento da urbanização os recursos naturais têm sido exauridos e coloca-se em debate a	A pobreza tem sido discutida frequentemente pelos organismos internacionais, uma vez que é um problema crônico do sistema capitalista e de difícil amenização; Os serviços públicos não conseguem satisfazer as demandas para o atendimento de saúde, emprego, planejamento familiar, educação.



sustentabilidade.
Sustentabilidade é essa que, segundo Bauman, não se preocupa com o meio-ambiente em si, mas com a continuidade de uma sociedade capaz de produzir sempre para o consumo.

Outra característica de nossa atualidade são as megacidades (população superior a 10 milhões de pessoas). Aliás, 12% da população mundial já vive em uma megacidade – as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro são megacidades. Algumas delas como as de Tóquio, Nova York e Londres além de serem megacidades são consideradas também como **cidades globais**, uma vez que reúnem um **complexo financeiro, de serviços (principalmente consultoria especializada), tecnológico e cultural que influenciam outras cidades**.

Nessa era de globalização, uma outra preocupação da agenda internacional é com a sustentabilidade e com a governança. Nesse cenário, surgem as “cidades inteligentes” (*smart cities*), que são sistemas de pessoas interagindo e usando energia, materiais, serviços e financiamento para catalisar o desenvolvimento econômico e a melhoria na qualidade de vida. Para isso, a ideia de cidades inteligentes está estruturada em dois eixos principais:

- - uso estratégico de informação e comunicação na gestão urbana.
- desenvolvimento sustentável e uso de soluções tecnológicas.

As mais famosas *smart cities* são: Songdo (Coreia do Sul), que produziu novas alternativas para a mobilidade urbana como os táxis aquáticos, espaços verdes e sistema pneumático de gestão de resíduos); Copenhague (Dinamarca), que além de seus deliciosos chocolates rsrs baliza-se pelo conceito de carbono zero, criando uma infraestrutura para o uso de bicicletas como o principal meio de transporte; e Santa Ana (E.U.A), que tem um sistema de água reutilizável, inclusive a do vaso sanitário.

No que se refere à governança das cidades, a administração pública municipal ganha destaque, principalmente a liderança de prefeitos. Isso porque os Estados-Nações cada vez mais mostram incapazes de lidar com as tendências globais e transferem aos municípios várias responsabilidades na chamada política de descentralização ou municipalização. Nesse sentido, para muitos especialistas como **Manuel Castells**, “as cidades globais tendem a resolver problemas econômicos e socioculturais de maneira muito mais efetiva”.

À medida que as cidades assumem uma nova importância no sistema global, o papel dos prefeitos muda. Ganham destaque e podem ser agentes capazes de mobilizarem agendas urbanas e melhorar o perfil internacional da cidade. As cidades de Lisboa e Barcelona, que se tornaram exemplo de centros urbanos bem planejados, são um indicativo da importância dos prefeitos nesse novo cenário globalizado, porque foram eles que lideraram os debates, as alternativas e a busca de financiamento.



Por fim, destaco a relação entre **esporte e revitalização urbana**. Eventos mundiais como as Olimpíadas e a Copa do Mundo tendem a impulsionar mudanças urbanas nos países que vão sediá-los. Um bom exemplo foi a cidade de Londres quando sediou as Olimpíadas em 2012. Lá, conseguiram regenerar em torno de 500 acres de terra em regiões pobres (Zona Leste de Londres), trazendo melhorias de serviços, de transporte e empregos. Por outro lado, mesmo que o esporte tende a impulsionar a revitalização urbana, isso nem sempre gera consequências positivas. As Olimpíadas (2016) e a Copa do Mundo (2014) no Brasil mostraram que não ocorreram as mudanças urbanas esperadas: não existiram mudanças significativas na mobilidade urbana, muitas obras viraram “elefantes brancos”, casos de superfaturamento e aumento do déficit do orçamento público em diversas cidades e estados.



Por fim, sintetizo aqui nossas reflexões sobre urbanização com as palavras do sociólogo **Anthony Giddens**:

“Assim como a globalização, a urbanização tem dois lados e é contraditória. Ela tem efeitos criativos e destrutivos sobre as cidades. Por um lado, permite a concentração de pessoas, bens, serviços e oportunidades, mas, ao mesmo tempo, fragmenta e enfraquece a coerência dos lugares, tradições e redes existentes”.

Principais Leis que norteiam as políticas urbanas no Brasil:

As principais leis que regulamentam a política urbana no Brasil são: o Estatuto da Cidade, o Plano Diretor e a Lei de Uso e Ocupação do Solo.

O Estatuto da Cidade é uma legislação federal que norteia normas de ordem pública e de interesse social, regulamentando o uso da propriedade em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como o equilíbrio ambiental.

Já o **Plano Diretor**, é aplicado nos estados e nos municípios. **É o instrumento básico da política urbana e do planejamento estratégico**, visando à qualidade de vida e um estudo aprofundado sobre o estado ou a cidade, apontando os seus limites, o que é preciso fazer nos próximos anos (geralmente é válido por 10 anos) e onde e como as cidades podem crescer. Avalia também os impactos de vizinhança e ambiental, devido aos grandes empreendimentos previstos.

Por último, temos a Lei de Uso e Ocupação do Solo, que é uma legislação de âmbito municipal. Ela precisa seguir os princípios do Estatuto da Cidade e estar de acordo com o previsto no Plano Diretor. Estabelece critérios e parâmetros de uso e ocupação do solo, isto é, o que pode ser construído, em quais condições e



onde. Portanto, é uma forma de controlar o crescimento urbano e prever a necessidade de novos equipamentos públicos.

6. 1 Mobilidade Urbana

A mobilidade urbana está na agenda pública há bastante tempo, afinal, um dos maiores desafios das cidades de médio e grande porte são as políticas urbanas, especificamente, o **planejamento da mobilidade urbana**. É válido ressaltar as famosas “Manifestações de Junho” de 2013. Começaram com uma demanda bem específica que envolve a mobilidade urbana: protestos contra o aumento da passagem na cidade de São Paulo, reivindicações para a melhoria do transporte coletivo e passe livre estudantil. Por tudo isso, é um tema sempre potencial, que pode ser cobrado na prova discursiva.



De forma bem sucinta, **mobilidade urbana** são as condições de deslocamento da população no espaço geográfico das cidades.

Quando falamos de cidade, podemos lembrar dos seguintes filósofos: Sócrates, Platão e Aristóteles. **Para eles, felicidade está relacionada ao bem comum dos cidadãos.** Nessa perspectiva e associado ao contexto social em que vivemos, **o transporte coletivo deve se sobrepor ao transporte individual, visando à cidade como um espaço de todos, compartilhado e democrático.** Assim, mobilidade urbana não é só o fluir do trânsito e o deslocamento da população, mas, sobretudo, **um espaço de convivência democrática com os diversos tipos de locomoção, incluindo pessoas com deficiência e priorizando a segurança dos pedestres.**

Como são feitos os deslocamentos da população nas cidades:

Transporte Individual	Transporte Coletivo
Carro	Ônibus
Moto	Metrô
Bicicleta	Táxi
Skate*	Uber**



A pé	BRT
Uber**	VLT

Veja que podemos separar os deslocamentos em dois principais grupos: transporte individual e transporte coletivo.

Uma curiosidade é que o skate foi considerado em algumas cidades como um meio de transporte e passou por regulamentação. Já o sistema do aplicativo Uber tem trazido muitos debates e ainda estão em abertas muitas questões: é um transporte individual ou coletivo? Há críticas dos sindicatos de taxistas que defendem que o Uber é uma concorrência desleal, porque não paga os mesmos impostos que os táxis, não passam por vistorias e saturam o mercado. Outra crítica é a precarização do trabalho porque nesse sistema não há vínculo empregatício e nenhuma proteção trabalhista.

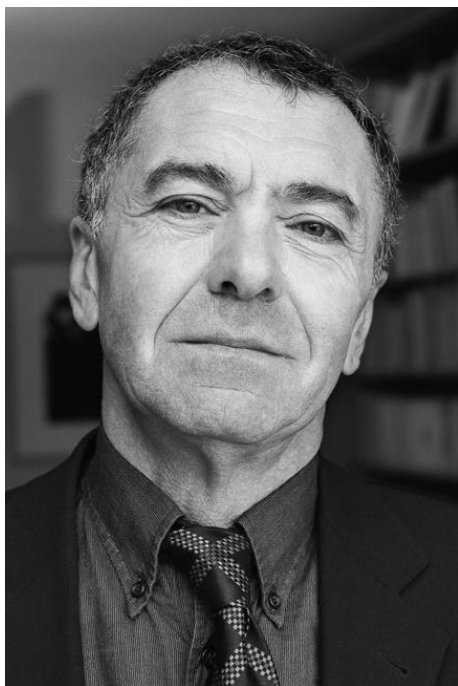
Pensar a mobilidade urbana como ressaltamos é também pensar a inclusão. Como as pessoas com deficiência (cadeirantes, cegos, surdos) ou com mobilidade reduzida podem ter uma cidade que permita um deslocamento mais seguro e inclusivo?

Outros desafios: diminuir o congestionamento e a poluição; evitar e controlar o adensamento urbano (ocupação intensa e desordenada do solo); garantir transporte público mais rápido, confortável e com preço justo; e criar infraestrutura por meio de planejamento exequível.



2 - A FILOSOFIA DE GILLES LIPOVETSKY APLICADA À SOCIOLOGIA

Quem foi Gilles Lipovetsky?



Gilles Lipovetsky cunha o conceito de hipermodernidade para substituir a ideia de pós-modernidade. Para ele, há valores da modernidade que estão em sua radicalização na atualidade, por isso, hiper. Nessa configuração, as dimensões humanas, econômicas, sociais e culturais estão sob a órbita do hiperconsumo que gera a "sociedade da moda".

A sociedade da moda não é a era do consumo de massa, mas sim um padrão que substitui aquela sociedade disciplinar de Foucault. Agora, as relações são pautadas na busca incessante do novo, da inovação. Muitos querem a originalidade não seguindo nenhum padrão, porém isso se torna o padrão e reduz a subjetividade. Nesse sentido, a "moda" seduz as pessoas ao consumo e passa a fazer parte da constituição da identidade do sujeito hipermoderno.

O que é o indivíduo hipermoderno?

O indivíduo hipermoderno vive intensamente o presente, no entanto, o futuro é a sua maior preocupação. Não há mais garantias de nada. O hiperindivíduo quer pensar sobre o seu futuro, contribuir para a economia, para a política, mas o seu tempo é escasso; ele não tem tempo para nada e tudo muda muito rápido. O seu tempo presente é transformado em tempo de trabalho.

Para o autor, a hipermodernidade é formada pela relação de três elementos: a cultura individualista, a tecnociência e o hiperconsumo.



Na modernidade (XVII-XIX), o homem é visto como responsável por si mesmo, buscando na liberdade individual o principal princípio das relações entre Estado e indivíduo. No entanto, a liberdade de escolha era restrita a determinadas convenções. Por outro lado, o hiperindivíduo conquistou o direito de suas escolhas, de querer ser o que quiser e de romper com padrões estabelecidos. Assim, o hipercapitalismo criou um novo cenário, proporcionando ao hiperindivíduo uma diversidade de opções de consumo personalizados para satisfazer os seus desejos.

Essa personalização, rastreada pelos algoritmos das grandes corporações da internet, detectam interesses e desejos para ofertarem serviços e produtos que seduzem por meio da personalização, garantindo mais movimento, mais sentimento, mais liberdade, mais entretenimento.

A busca pela personalização abrange várias áreas e uma delas é o uso da tecnologia que a ciência proporciona para melhorar a estética (aparência) – um dos mercados que mais crescem -, já que as redes sociais e o mercado de trabalho ampliam a exigência de o indivíduo estar bem seja para aparecer para os outros (com destaque para os influenciadores digitais) ou para aumentar a produtividade.

Outra promessa da modernidade era que a felicidade dos indivíduos aumentaria com o avanço científico, que tinha como missão evitar o sofrimento, controlar as intempéries da natureza e proporcionar melhor qualidade de vida às pessoas, ou seja, era uma visão otimista. Entretanto, essa visão otimista foi se arruinando ao longo do século XX: guerras mundiais, desastres nucleares, doenças, problemas ambientais, etc. Dessa forma, para Lipovetsky, "a expectativa de felicidade vinculada a um contínuo progresso foi abalada".

Além disso, a ciência que na modernidade era vista numa perspectiva humanista (coletiva), passou a seguir a lógica instrumental baseada na busca de rentabilidade, o que aumenta o hiperconsumo, já que a principal preocupação passou a ser a necessidade de o capitalismo encontrar soluções de oferta para o consumidor cada vez mais movido e seduzido pela inovação, pelo novo, aí está a "sociedade da moda".

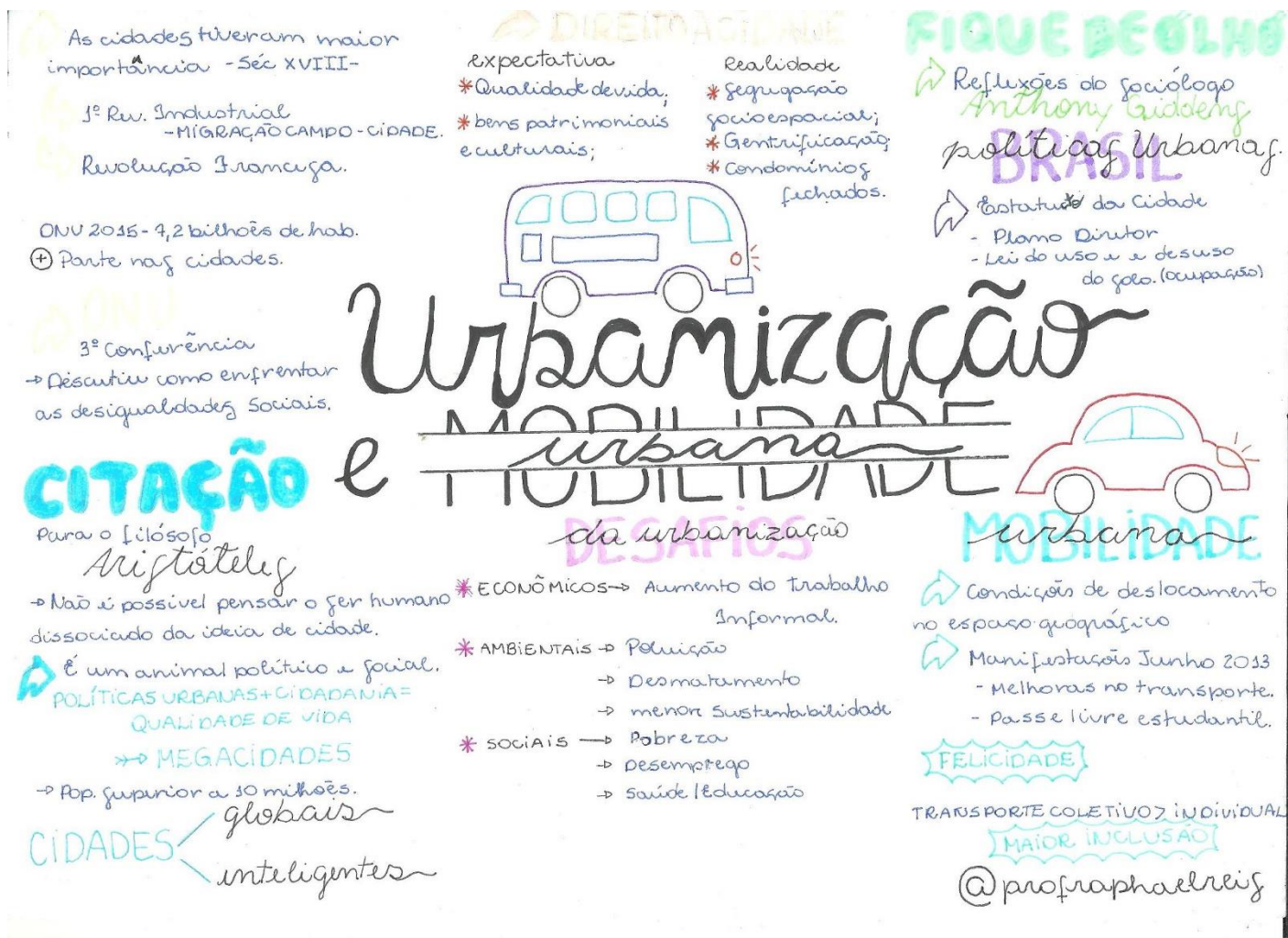
Como utilizar o pensamento de Lipovetsky na redação?

Nada melhor do que um exemplo. A aluna Daniela Nakamura, nota 10 na FCC, fez o uso do conceito de hipermodernidade para apresentar o tema na introdução.

01	O filósofo francês Gilles Lipovetsky utiliza o termo "hipermodernidade" para tra-
02	duzir a sociedade pós-moderna, na qual sobressaem-se o imediatismo, a velocidade, a
03	exigência de respostas rápidas e de crescente produtividade. Em uma época em que tudo
04	muda de forma tão assustadoramente rápida, ser proativo, no sentido de antever
05	e vislumbrar estratégias, pode parecer positivo do ponto de vista mercadológico. No
06	entanto, no discurso enaltecido da proatividade, escondem-se problemas como a
07	materialização da felicidade e sua abordagem como uma consequência automati-
08	ca de atitudes individuais.



MAPA Mental



ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.